

# Mudanças de hábitos e vida cotidiana: o brasileiro comum entre duas crises<sup>1</sup>

## *Changes in habits and daily life: the common Brazilian between two crises*

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY

### RESUMO

Este artigo se apoia em um conjunto de dados etnográficos recolhidos em trabalho de campo, presencial e virtualmente, e procura trabalhar com as mudanças de hábitos na vida ordinária do brasileiro comum, após a expansão do coronavírus por todo o país depois do estabelecimento do isolamento social. Parte da constatação das duas crises vividas no país — a política e a sanitária — e apresenta como essa situação crítica é experimentada pelo brasileiro comum em seu cotidiano. O artigo é integrante das reflexões para uma pesquisa em andamento coordenada pelo autor, intitulada “Sofrimento social, sociabilidades e emoções em situações críticas: o caso da crise epidêmica do Covid-19 no Brasil”.

**Palavras-chave:** Pandemia do coronavírus; Mudança de hábitos; Cotidiano.

---

<sup>1</sup> Este artigo é integrante do conjunto das reflexões para a pesquisa *Sofrimento social, sociabilidades e emoções em situações críticas: o caso da crise epidêmica do Covid-19 no Brasil*, em desenvolvimento no Grem-Grei e no PPGA/UFPB. As reflexões nele desenvolvidas coincidem com outras crescidas e abordadas em artigos e livros anteriores e modificadas ou ampliadas no decorrer da pesquisa (KOURY, 2021a, 2021b, 2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2020e, 2020f; MOGUILLANSKY; KOURY, 2021).

## ABSTRACT

This article is based on a set of ethnographic data collected in field work, in person and virtually, and seeks to work with the changes in habits in the ordinary life of ordinary Brazilians, after the expansion of the coronavirus throughout the country after the establishment of social isolation. It starts from the observation of the two crises experienced in the country —the political and health ones —and presents how this critical situation is experienced by ordinary Brazilians in their daily lives. The article is part of the reflections for an ongoing research coordinated by the author, entitled "Social suffering, sociability and emotions in critical situations: the case of the Covid-19 epidemic crisis in Brazil".

**Keywords:** Coronavirus pandemic; Change of habits; Daily life.

## INTRODUÇÃO

A situação crítica recente vivida no país, com a ascensão da extrema direita, teve início com as mudanças sociais ocorridas desde a década de 1970, no processo acelerado de urbanização e individualização brasileira. Esta situação se aprofunda com a eleição de Fernando Collor de Mello ao governo federal, em 1989, e segue o seu ritmo de expansão durante os dois governos de Fernando Henrique Cardoso, com a ideia de Estado mínimo e de privatizações de empresas estatais importantes, e a procura de reorganização produtiva com a busca de flexibilização dos estatutos e direitos do trabalhador<sup>2</sup>. Teve, contudo, o seu ritmo desacelerado nos dois governos de Lula e no primeiro governo de Dilma Rousseff<sup>3</sup>, e retorna no processo de aliança articulada pela extrema direita no país, que organiza e impõe

---

<sup>2</sup> O período de Fernando Henrique Cardoso (FHC) na presidência do país frustra expectativas da sociedade civil, com sua política neoliberal de Estado mínimo e de desestabilização do emprego e requalificação do trabalho. Nesses mandatos se estruturam as bases para a organização da aliança que daria forma à ascensão do neoliberalismo conservador e de extrema direita no país.

<sup>3</sup> Com a ascensão de Lula à presidência, até o primeiro governo de Dilma Rousseff, o país de novo respira o ar de respeito às camadas populares e médias, com a abertura de uma política de expansão econômica, gerando emprego e novos parques industriais de ponta pelo Brasil afora, e de reforço e ampliação do ensino nos três níveis, avançando no processo de democratização do acesso à educação, de primeiro e segundo graus, graduada e pós-graduada, e da rede de instituições do ensino técnico. Faz um esforço significativo de diminuir a desigualdade em um país desigual, e realiza políticas públicas de proteção social e programas de transferência de renda como o Programa Bolsa Família e outros, aumentando a expectativa de vida e permitindo o ingresso de camadas historicamente discriminadas do país nos circuitos de consumo e a possibilidade de fazer planos (FONSECA; ROQUETE, 2018). O país ganha reconhecimento internacional, e é visível o resultado do acesso das populações mais pobres ao consumo e ao debate sobre os rumos pessoais e coletivos no país.

um golpe branco e depõe a presidenta Dilma, estabelecendo-se de forma dramática com a ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência.

No segundo governo de Dilma Rousseff, contudo, os grupos políticos de direita configurados desde os dois governos FHC se mostram organizados e ganham força no país. Configura-se uma estranha aliança. Nela se acomoda um amplo leque de setores empresariais, de deputados e senadores, de quadros de profissionais liberais, principalmente advogados e juristas, médicos, de igrejas evangélicas neopentecostais e católicas carismáticas, além de grupos militares ligados aos quadros mais obscuros da ditadura de 1964, e a uma espaçosa gama de personagens vinculados a grupos paramilitares de milícia e a movimentos neonazistas no país. Esse bizarro leque aliançado depõe a presidenta Dilma e assume o governo federal com uma política de destruição das bases democráticas do país, associada a uma investida pesada de destruição do meio ambiente e da política de proteção dos direitos sociais de setores vulneráveis do país (indígenas, quilombolas) e à tentativa de pôr fim a direitos trabalhistas e direitos sociais conquistados em lutas históricas. Com a deposição de Dilma Rousseff, em seu segundo mandato, dá-se início à ascensão da extrema direita no país e, igualmente, a uma contraofensiva civilizatória dirigida às conquistas sociais e de cidadania no país. Esse processo faz com que se eleja Jair Bolsonaro para a Presidência do Brasil. A sua campanha, organizada de forma fraudulenta e assentada em uma rede de notícias falsas (*fake news*), se baseou na liberação de uso de armas no país, em insinuações e elogios à ditadura e a personagens sádicos dessa época — alçados a heróis —, na consolidação do esquema de milícias privadas, na perseguição e morte de lideranças populares, além da destruição dos direitos alcançados pelas minorias étnicas, de gênero etc., entre outros desafetos.

No final de fevereiro de 2020, a crise sanitária no Brasil se acelerou com a pandemia mundial do coronavírus e sua expansão pelo país afora. Em março de 2020 foi estabelecido o isolamento social no país, com mudanças sociais e culturais significativas para os brasileiros que a ele aderiram. Esse artigo busca trabalhar com essas mudanças de hábitos na vida ordinária do brasileiro comum após a expansão do coronavírus por todo o país após o (e apesar do) estabelecimento do isolamento social.

Parte da constatação de que no processo de modificação de hábitos e de expansão do Covid-19 no país a incerteza e a desilusão eram dominantes em significativos setores da população. Tal incerteza era associada ao receio de contaminação e morte ao tentar se acomodar às regras do isolamento sem qualquer garantia de que o procedimento estaria correto e protegeria a si e aos seus familiares. Esses sentimentos se expandiram ao se

juntarem ao receio do que viria depois da pandemia<sup>4</sup>, o que tem ocasionado um aumento da insegurança e do desespero na população, de forma mais visível entre as camadas médias, bem como entre as camadas mais pobres da população e entre as populações tradicionais no país, em especial indígenas e quilombolas.

A minimização da tragédia que tomou forma na pandemia do coronavírus no solo brasileiro, pelas autoridades governamentais assentadas em Brasília, tem tido a intenção de banalizar o isolamento social e acusar as vítimas de serem responsáveis por sua própria morte. O mesmo ocorre ao se tentar isentar o governo da responsabilidade pela crise sanitária (SILVA; PASTI, 2020). Frases e ditos do presidente Bolsonaro no decorrer do processo pandêmico — que vão desde a atitude de menosprezo até a acusação de “frouxos” para os que buscam se proteger da pandemia do coronavírus — são táticas de *poder ostensivo* (KEMPER, 1978) para enfraquecer a vontade do outro.

São ações que acarretam, ao mesmo tempo, uma liberação de frases e perspectivas cínicas e mórbidas da equipe de seus ministros<sup>5</sup>. E conformam um conjunto de expressões de desprezo e indiferença pela dor do outro, como “é só uma gripezinha”, o “e daí?”, “pois de qualquer modo morreriam”, ou tinham “motivos” para morrer (velhos, doentes, incapacitados, pobres, entre outros). Esse tipo de atitude tende a operar um sentimento de naturalização de que o coronavírus atingirá apenas os outros genéricos mais vulneráveis, e os descrentes em deus (MF PRESS GLOBAL, 2020). Acomodam em si uma *violência emocional* capaz de provocar na população uma maior indiferença e desprezo em relação aos considerados mais vulneráveis.

---

<sup>4</sup> No mesmo processo, o modo como Bolsonaro e o bolsonarismo buscam minimizar a situação pandêmica — voltando as costas para ela, se recusando a enfrentar a pandemia, ou negando o elevado número de contaminados e de casos fatais que se expande a cada dia, mostrando-se ímunes e criando *fake news* com caixões cheios de pedra, para negar o aumento acelerado de pessoas contaminadas e de casos fatais no país (ISTO É, 2020); quando não, invadindo hospitais, fazendo carreatas contra o uso de máscaras e contra a manutenção do isolamento social — tem levado a um acirramento do sentimento de naturalização, banalização e indiferença à morte e aos mortos no processo pandêmico do coronavírus país afora.

<sup>5</sup> Como, por exemplo, as de usar a pandemia para ações que visem destruir o meio-ambiente, isto é, utilizando as palavras do Ministro do Meio Ambiente; aproveitar a pandemia para passar a boiada (KAFRUNI, 2020); ou, nos termos utilizados pelo Ministro da Economia, utilizar a pandemia para “passar o rodo”, ou seja, realizar reformas indigestas, e “tomar dinheiro dos servidores” (BARROCAL, 2020).

## **NARRATIVAS SOBRE AS CRISES**

Os sentimentos de desagregação pessoal (e familiar) e de impotência do brasileiro comum, no decorrer e aprofundamento das crises política e sanitária no país, desde a ascensão de Bolsonaro à Presidência da República, têm provocado junto à população, de um lado, um aprofundamento do sentimento de solidão e, de outro, a quebra de valores e a desorientação frente às demandas de decisões do cuidar de si e dos familiares com que se defrontam no cotidiano. Essa situação ocasiona relatos de não mais se saber como agir e o aumento da sensação de insegurança, como indica o relato de uma professora de 38 anos (casada, três filhos adolescentes) de Recife (PE): “(...) nunca me sinto protegida e nunca estou certa de que o que estou fazendo me dará garantias, mesmo que mínimas, de proteção minha, pessoal, e dos meus.”

Na descrição acima, o sentimento de impotência, de não saber como agir no cotidiano “estressante” do isolamento social e de querer “seguir direitinho as regras de proteção contra o coronavírus” para si e sua família (nunca sabendo “se estou fazendo o certo”) marca o tom aflito, a sua decepção e o seu esmorecimento. Esses sentimentos são simultâneos aos de vergonha, constrangimento e culpa por não saber como se comportar perante aos outros próximos em relação à proteção e ao aconselhamento, o que a torna constantemente queixosa e ansiosa.

Para ela, o cotidiano é humilhante e dolorido. As palavras e expressões que usa o tempo todo, durante a conversa, são as de *impotência*, e as de uma *imensa tristeza*, *mágoa*, *sofrimento* psíquico e fantasias de deitar e nunca mais acordar, de “ter coragem de acabar com tudo, de deixar de viver”<sup>6</sup>. Comovente, a narrativa tem traços comuns às de muitos outros depoentes com quem tenho conversado.

Ela se sente “enganada, confusa e numa tensão permanente”. Em casa, trancada com o marido e três filhos adolescentes, a vida “tem hora que é um verdadeiro inferno”, “todos

---

<sup>6</sup> Os psicólogos americanos Allport; Bruner; Jandorf (1965) fizeram um interessante estudo sobre histórias de vida na situação-limite experimentada durante o nazismo. Entre as diversas codificações encontradas nas histórias de vida analisadas, uma recorrente foi o que chamaram de “fantasia de suicídio” (p. 119). E informam ser uma fantasia recorrente em pessoas que vivenciam um trauma, ou que experimentam processos críticos e limite. Como o caso brasileiro atual, onde a baixa autoestima, a falta de confiança, o aumento da vergonha pessoal misturada com sentimento de culpa fazem parte do repertório dos interlocutores com quem tenho conversado em campo, como a professora de ensino médio acima relatada.

se atropelando um no outro”. Reclama da luta diária, que sempre termina em brigas, para o compartilhamento das tarefas da casa.

Queixa-se do ambiente familiar tumultuado, em um apartamento pequeno em que tudo se passa na “sala de visita”. É o lugar em que dá aula, os filhos assistem a aulas e o marido tenta trabalhar, mas também o recinto em que fica a televisão e que os filhos e o marido também utilizam para fazer tarefas, conversar, para jogar etc.. Isso, segundo a interlocutora, “[...] cria um ambiente nervoso, de reclamações e, muitas vezes insultos mútuos [...]”.

Narra também o acúmulo de trabalho em casa como professora: preparação de aulas, correção de trabalhos, apresentação e discussão em classe virtual, a sensação de insatisfação com os resultados do esforço de preparação de material para os alunos —em sua maioria carentes e sem condições de acompanhar a matéria —, do “abuso” dos pais dos alunos que se sentem invadidos e dos insultos que emitem vez ou outra, durante o processo de uma aula, que a assoberba.

Sem falar que, mormente, o exercício de aula é também entrecruzado por sons ao redor, o que perturba e aumenta mais o desespero e a tensão cotidiana. Isso porque na casa há apenas um computador, instrumento disputado por cinco pessoas: ela, os filhos (que também precisam assistir a suas aulas virtuais em horários específicos, que coincidem com os horários dela) e o marido, que igualmente precisa do computador para trabalhar.

Termina seu depoimento afirmando que se encontra “à beira de um colapso nervoso[...]”; ri e diz “os meus filhos e o marido igualmente [...]”. Diz que o estado de ânimo familiar é de “baixo astral” e que tem dias “que não quero levantar, e tenho que fazer [esforço para se levantar] para que não haja um ‘colapso da família’”.

O negacionismo presente nos discursos e falas governamentais — em relação à pandemia, às recomendações da OMS sobre o isolamento, ao descrédito da ciência como saber eficaz — e a indiferença pontuada de desprezo sobre o outro genérico vulnerável e sobre a dor do outro, junto com a pressão do mercado para a abertura das cidades e de circulação do dinheiro, têm produzido outro tipo de narrativa, presente em vários depoimentos. São narrativas que espelham o discurso oficial e levam a um tipo de atitude e de comportamento que tendem a ignorar o risco ou a afrouxar o isolamento a que se encontram submetidos.

Eu estou falando neste momento do homem comum, sem me referir à militância nas instâncias bolsonaristas, mas, de certa forma, votantes e votantes arrependidos em

Bolsonaro. Durante as interlocuções que venho mantendo sobre o cotidiano no decorrer da pandemia, tenho recebido respostas com demonstrações de desprezo, espírito de intimidação, fanfarronice irresponsáveis e mesmo ameaças veladas ou diretas às perguntas sobre o que é viver sob uma pandemia e debaixo das atuações do governo Bolsonaro em relação ao meio ambiente, à educação, à saúde, a questão do desemprego e ao afrouxamento dos códigos dos direitos dos trabalhadores, como a reforma previdenciária.

Muitas dessas narrativas são de interlocutores de fácil enfurecimento e de um sentimento de cólera difícil de administrar. Os mais amenos apelam para a antirreligiosidade que toma conta do país e que “ao não ver a força divina de Deus, tenta criar falsidade que perturbam o povo inocente e atrapalha o trabalho de um homem bom como o presidente”, como esbravejou um interlocutor, de 55 anos, neopentecostal, residente em Goiânia (GO).

Esse espelhar é reproduzido em várias formas. A primeira delas tende a ignorar os riscos pessoais e de transmissão no contato com o outro e nas aglomerações que frequenta, seja no ruje-ruje da cidade, seja nos momentos de lazer, ida a praias, bares, esquinas etc.. Essa primeira forma busca racionalizar o processo pandêmico e, mesmo admitindo a sua existência, não consegue se colocar como alguém que possa ser vitimado pelo coronavírus. Os vulneráveis são os outros!

Conseguem até se indignar e ter acesso de ira quando cruzam com uma pessoa idosa sem máscara, ou outros “espécimes marcados para morrer”, como disse — em tom agressivo, mas acrescido com um “kkkkkk” — um rapaz de 28 anos, comerciário em Porto Alegre (RS), em uma troca de mensagens por *Whatsapp*. Em sua fala, expressa um sentimento de indignação que beira a atitudes de irritação e enfurecimento com “essa espécie de gente que devia estar trancada em casa esperando a morte e não colocando em perigo a vida dos demais que ainda têm muito que viver [...]”.

Relata que durante o isolamento passou “uns dias” em casa, mas não conseguiu. Ficou muito irritado com a falta dos amigos, o medo de ser despedido, a mãe a rezar o tempo todo, os sobrinhos a “encher o saco”. “Então, [relata] depois não deu mais e fui pra rua. Saía de casa com uma máscara feita pela mãe [...] mas logo depois, eu baixava até o queixo e seguia meu caminho [...] com os amigos e umas gurias [...]”. Narra que o pai “pegou o corona [...] ele é velho [...] e conseguiu sair dessa [...]”. Termina sua narração em um tom de deboche de que “isso de isolamento é coisa de boiola, de frouxo, como diz Bolsonaro”. E, apontando para si, me diz “Tô aqui, olha, vivo e desperto [...] e nenhum dos amigos e das gurias que eu saiba pegou nada! [...] só pega essa doença que tem que pegar [...] como o meu pai, por exemplo, velho, já no fim da vida e amolecido pela idade [...] ”.

Outro modo de espelhamento do discurso governamental é revelado no *sentimento de apatia*. Este sentimento se manifesta de várias maneiras. Uma delas é o *comportamento despreocupado* diante da situação crítica por que passa o país e sobre o destino individual e de familiares e amigos. A inaptidão para contradizer as situações críticas da pandemia e política brasileira transforma as narrativas desse grupo de interlocutores em ações verbais e gestuais de *desprezo*, *desinteresse* e *frieza*, muitas vezes em acusações a entidades genéricas como “isso é coisa de *comunista*”, ou similares, como a noção de que a doença só afetaria os descrentes ou os “fracotes de merda”.

Outras vezes, aparece como uma espécie de comportamento ou atitude *depressiva* ou que beira a depressão, quando falam de si mesmos e do contexto em que vivem. Nesses casos, a narrativa dos interlocutores é recheada de relatos de situações em que o *desânimo* e a *desesperança* informam o enquadramento do sentimento de apatia vivido. É o caso, por exemplo, do relato atormentado de uma mulher desempregada, de 31 anos, dois filhos pequenos, sem companheiro, moradora da cidade de Teresina (PI): “fazer o quê! [...] não tem o que ser feito [...] o mal está aqui, é coisa dos homens [...] agora é aguentar [...] e se não, seja o que tiver de ser [...]”.

O *sentimento de apatia* em outras falas de interlocutores, destarte, adquire figuração *anômica*. Nesses relatos, a anomia se anuncia como um estado mental confuso, que leva os indivíduos a agir de forma oscilante. As narrativas oscilam de expressões *irritadiças*, desandando para declarações de profunda *prostração*. Como a de um interlocutor, em longa conversa através do *Messenger*, sugere. Esse interlocutor é um senhor de 53 anos, dono de uma lanchonete na cidade de Vitória (ES). Em seu relato informa ter acreditado “[...] no presidente [que] essa pandemia, era [...] coisa passageira, uma *gripeszinha* [...] e que era os contra ele que estavam fazendo alardeado [...]”.

Continua sua narração afirmando que com a “fé” no presidente, tentou levar a sua lanchonete aberta, mas, em suas palavras, “não consegui, houve uma queda grande dos frequentadores e depois a proibição de abrir pela prefeitura da cidade”. Informa ainda que tentou lutar e se uniu “[...] a carreatas contra a ordem da prefeitura, e pela volta à normalidade no país [...]”. Diz que fez “de tudo para não falir”, mas, segundo ele, “não deu jeito [...] chegou uma hora que tive que baixar o facho [...] [hoje] não tenho mais como abrir a lanchonete [...]”.

Continua sua fala informando que a sua mulher e um filho contraíram a covid. E que o seu filho, depois de um tempo, se recuperou. Mas a sua esposa não conseguiu resistir e

faleceu. Fala da impossibilidade de velar a esposa, do desespero que tomou conta dele após a perda do seu negócio e a seguir a morte de sua mulher, e da raiva imensa que se “incorporou e tomou conta de mim”.

O seu relato continua na revelação da imensa “confusão” que se armou na sua cabeça, o deixando “furioso comigo mesmo e com as coisas do Brasil, e por não ter dado ouvidos aos que gritavam que a pandemia do coronavírus era pra valer [...]”. O seu relato continua se dizendo *desesperançado* e à beira do desespero.

Ultima a sua fala asseverando que acorda todo dia sem forças para fazer nada e, em expressão de depressiva, descreve que “por mim não saía mais da cama [...]”. Conclui com um “acho que a gente tudo [se referindo ao homem comum brasileiro] vai ainda sofrer muito, eu sei [...] Mas, com licença da palavra, o que eu vejo é que eu me fudi e fudi minha família [...]”. Em atitude apática, fecha a sua narrativa assoalhando que “Eu hoje não tenho mais fé no presidente, mas também não sei o que fazer [...]”.

O *sentimento de apatia* aparece também em narrativas de interlocutores em formato de um “não estar nem aí” para o que acontece em volta. Tal forma pode ser aqui exemplificada na narração de um interlocutor, rapaz de 25 anos, vendedor ambulante, morador da cidade Belém (PA), em interlocução comigo pelo *WhatsApp*.

Na conversa ele informa que leva a vida “quase igual” à que levava antes da pandemia: sai para namorar, para ver os amigos e, “[...] pra tomar minha caninha, que ninguém é de ferro [...]”. Informa que não tem o que fazer, e entrega a vida “e tudo mais, nas mãos do divino [...]”.

Colocando um *kkkkk*, no texto o interlocutor diz, em tom brincalhão, que “[...] se ele [o divino] quiser dar a ordem pra eu morrer [...] aí não tem como correr [...] morro! [...]”. Mas o resto a gente vai levando... e eu não estou nem aí [...]”. Revela ainda que quando está “na rua, no meu trabalho de ambulante” usa a máscara, mas que a usa “só pra eu não ter *encheção de saco*”. Mas que usa a máscara “de faz de conta”, isto é, “boto na cara, mas a maior parte do tempo ela ta é no pescoço [...]”. De certo modo, essa forma de sentimento de apatia revela uma espécie de sensação de não saber como agir ou reagir às situações críticas que presencia na desorganização social e cultural que o país vive hoje.

No geral, porém, as respostas dos interlocutores sobre a vida durante a pandemia revelam *atitudes de decepção* pela perda da mobilidade, como saídas para fins de trabalho e lazer. Em sua maioria, as atitudes de decepção partem de interlocutores jovens, de camadas médias, que ainda vivem sob a tutela dos pais.

Entre as diversas respostas temos a de um rapaz de 18 anos, estudante, morador de Maceió (AL), que relata se encontrar o tempo todo irritadiço e “[...] me sentindo um prisioneiro por não poder sair de casa [...]”. A descrição de uma jovem, de 17 anos, estudante, residente em Natal (RN) revela “sonhar” com o dia em que “eu possa sair de casa [...]”. Como o rapaz alagoano acima, diz sentir-se encarcerada, fato que, segundo ela, a coloca em clima de guerra com a família: “[...] o dia todo é de briga com meu irmão, com minha mãe, com meu pai [...]”, revelando assim o desconforto da copresença em um ambiente fechado com os mesmos personagens o tempo todo juntos.

A narrativa de um rapaz de 19 anos, estudante universitário, residente na cidade de Recife (PE), prossegue com as mesmas informações de sentir-se encarcerado e irritado como os dois jovens acima. Igualmente, fala sobre o clima desconfortável que virou o ambiente doméstico onde vive com os pais e um irmão e uma irmã mais novos.

A sua fala, porém, revela a urgência do viver o agora. Relata que “eu to muito [...] irritado, porque não posso aproveitar a minha vida [...]”. Diz que a vida é curta e que ao ficar trancafiado em casa, ele perde de viver, de aproveitar. Apela que “a gente tem é que viver o momento, o dia seguinte ninguém sabe [...]”. Explica essa urgência de modo fatalista de que tudo pode acontecer, e não ter como não saber do que acontecerá a seguir, e que pode até morrer, mas, se ele tiver que morrer “[...] até em casa eu morro [...] todo encarcerado, todo protegido *entre aspas* [...] então, prá que essa tolice toda [...]”. Conformado, mas em tom agressivo irritadiço, termina sua fala com um “mas vai dizer isso lá em casa [...] Sei que eu já não aguento mais [...]”,

Outras respostas situam o *mal-estar cotidiano do isolamento* dentro de um contexto associado à *quebra da normalidade normativa* que estavam acostumados. Homens e mulheres falam do *sentimento de angústia* pessoal e familiar e indicam o receio ou o fato da desorganização das finanças domésticas por demissão, por ter que fechar o seu pequeno ou médio comércio, ou por ser vendedores autônomos e as vendas pararem ou não funcionarem plenamente na situação de trabalho em casa.

Outras narrativas se debruçam sobre o cotidiano extenuante e o cansaço do trabalho em casa<sup>7</sup>. A maior parte desses relatos associa o exaustivo trabalho em casa com as diversas outras atividades dentro do lar. Descreve a impressão desconfortante de o tempo todo se encontrar cobrado(a) para atividades e consultas, para apartar brigas e ouvir queixas e

---

<sup>7</sup> O uso do termo em inglês *home office* é usado frequentemente pelos interlocutores como uma palavra nativa.

malcriações dentro de casa bem como a sensação de desgaste pelo acúmulo de atividades no ato de trabalhar em casa, que demanda horários bem mais extensos do que quando realizados fora de casa.

Interlocutores pertencentes à grande categoria de professor, que vai do ensino básico ao universitário, por exemplo, tem suas queixas relacionadas principalmente à extensão das horas e ao ritmo do trabalho em casa. Queixam-se, do mesmo modo, da dificuldade de atendimento aos alunos, quer pela deficiência dos seus equipamentos, quer pela deficiência ou inexistência de equipamentos nos alunos. Além disso, sentem-se “vítimas” de interferências “abusadas” de pais que não querem “ajudar os seus filhos” nas tarefas e assistências das aulas a distância.

Outra queixa é a do novo caráter das empresas de ensino privadas de demissão em massa de professores por um aviso on-line durante a própria jornada de trabalho. Isso tem causado sentimento de humilhação, acompanhado por um aumento de *estresse* e *angústia* entre os profissionais —quer os que foram demitidos, quer os que ainda se encontram trabalhando mas sem garantia de continuidade<sup>8</sup>.

Outra categoria que tem se queixado muito do trabalho em casa é a de atendentes de centrais telefônicas<sup>9</sup>. Esses profissionais alegam a extensão do horário trabalhado e a intromissão e entrecruzamento constante entre trabalho e afazeres domésticos cotidianos. A maior parte dos depoimentos relata o medo e a insegurança de perda do emprego. Informa ainda as ameaças permanentes que vivencia deste o início do *home office*, como o aumento desmesurado do desemprego em uma categoria que, em circunstâncias normais, já tem uma característica de grande rotatividade.

## NOTAS INCONCLUSAS

Este artigo refletiu sobre a relação entre vida urbana, formas de sociabilidade e as emoções no momento que vivemos no Brasil. Abordou a desorganização da vida cotidiana — ao lado dos abalos pessoais e familiares, quando não coletivos sobre ocorrências de

---

<sup>8</sup> Em vários estados brasileiros está-se iniciando um acúmulo de processos na Justiça vindos de associações de professores, de grupos de docentes ou, de forma isolada, em relação ao uso, pelas instituições privadas de ensino, das aulas gravadas pelos professores demitidos como substituição a sua presença física sem que os mesmos recebam nada por isso. Essa prática tem aumentado o sentimento de insegurança e medo entre os profissionais de ensino.

<sup>9</sup> Do mesmo modo que o uso em inglês *home office*, o termo *call-centers* é usado pelos interlocutores como uma palavra corriqueira de uso como no Brasil.

contaminação e/ou morte de parentes ou vizinhos pela Covid-19 — e a extensão acelerada do número de vítimas no país. Tratou da diminuição das finanças domésticas e da ameaça permanente do desemprego, bem como do aumento do preço dos produtos da cesta básica, que afeta a já minguada cesta das camadas mais pobres. Considerou ainda o ensino cada vez mais precarizado, o receio do retorno às aulas presenciais e o que pode acontecer com seus filhos, a incerteza frente ao amanhã, que afeta os jovens, assim como as intensas queimadas que tomam conta do país. O texto versou sobre as mudanças nos rituais da morte em tempo de pandemia, sobre o medo de precisar ser hospitalizado e não ter leito disponível — o que tem levado o brasileiro comum a reforçar uma posição individualista —, ao lado de incursões pela anomia ou pela aceitabilidade da pandemia como inevitáveis, realçando a desesperança, o receio e o medo.

Do mesmo modo, têm avigorado sentimentos de fatalidade e de conformidade, como reveladas pelos interlocutores em respostas do tipo “é assim mesmo, fazer o quê?”, como a emitida por uma senhora de 40 anos, cabeleireira, que teve que fechar o seu salão e hoje vive de fazer bicos aqui e ali em Jaboatão, município do Grande Recife, em Pernambuco. Tal sentimento também se expressa na declaração de que “não adianta lutar, pois a questão da desigualdade é natural, e os mais fracos sempre terminam levando naquele lugar [...]”, como me narrou um senhor de 48 anos, zelador de um edifício na cidade de Aracaju (SE), abordando a incerteza cotidiana que vive com a sua família e a diminuição da renda familiar com a demissão de dois filhos, de 19 e 21 anos, de uma empreiteira e de um supermercado onde trabalhavam.

Todos esses são sentimentos em que o risco da anomia como desregramento social e do sofrimento como coisa natural se assentam em um processo nostálgico do entregar-se a uma sensação de não ter o que fazer, em sua eficácia melancólica. Esse processo envolve uma carga emocional muito forte, vivida como vergonha e inquietude.

Sennett (1999, p. 107) chama esse processo de *trauma paralisante* e o define como “a sensação de ‘nunca chegar a parte alguma’, ‘sempre na casa um’, diante de um [fato] aparentemente sem sentido, ou da impossibilidade de recompensa por um esforço”. Informa ainda que, nessa situação traumática, “o tempo parece parar; [o indivíduo] nesse [estado emocional] torna-se prisioneiro do presente, e fixado nos dilemas do presente” (*idem*), como uma espécie de fatalidade.

A *disforia*, assim, tem tomado conta do brasileiro comum no Brasil de hoje, que vivencia duas grandes crises — a política e a sanitária. Como uma mudança repentina do

estado de ânimo, a disforia é caracterizada por uma situação onde a ansiedade, a tristeza, a inquietude, a angústia e a depressão tomam conta do indivíduo ou de uma coletividade que experimentam um ambiente social desregrado ou em processo de fragmentação acelerada. Esse estado de disforia— como emitido nas diversas narrativas de interlocutores ao longo do artigo— tem afetado a vida ordinária, abalando, de um lado, a expressão cotidiana comum dos sentimentos, em relação a um si mesmo e aos outros próximos ou abstratos (MEAD, 1934) de sua comunidade, país afora. E, de outro lado, tem agitado igualmente a cultura emotiva (KOURY, 2017) que os vincula aos demais comunitários.

Isso aparece de forma direta ou dissimulada nas narrativas aqui trabalhadas, o que tem servido para fragmentar as referências que permitiam ou lhes davam segurança, e, ao mesmo tempo, os tornava pessoa junto aos outros sociais. Esse estado de coisas tem causado estranhamento — em relação a si próprio e aos demais — a partir da não compreensão das mudanças que estão a ocorrer, apontando-se para a desordem nos hábitos e códigos de conduta a que se estava acostumado. Tudo isso vem acarretando agruras no comportamento pessoal (e das interações relacionais) cotidiano e fraturando o jogo de trocas simbólicas que norteavam o seu agir e pensar habitual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLPORT, G. W.; BRUNER, J. S.; JANDORF, E. M. (1965). A personalidade na catástrofe social: noventa históricos de vida na revolução nazista (pp. 101-125). In: KLUCKHOHN, Clyde; MURRAY, Henry A.; SCHNEIDER, David M. (orgs.). **Personalidade na natureza, na sociedade e na cultura**, vol. 2, Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

BARROCAL, André.(2020). Contra coronavírus e pibinho, Guedes insiste em tomar dinheiro de servidores. **Carta Capital**, 13 mar 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/contra-coronavirus-e-pibinho-guedes-insiste-em-tomar-dinheiro-de-servidores/>. Acesso em: 13 mar 2020.

FONSECA, Ana Maria Medeiros da; ROQUETE, Claudio. (2018). Proteção social e programas de transferência de renda: Bolsa-Família. **Caderno de Pesquisa NEPP**, n. 86, pp. 9-31. Disponível em: <https://www.nepp.unicamp.br/upload/documents/publicacoes/f92cb2db90dbf4d9d2b8203e89e98a5c.pdf#page=9> . Acesso em: 30 out 2018.

ISTO É. (2020). MG: Mulher que divulgou vídeo fake de caixões com pedras é indiciada. Istoé, 24 ago 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/mg-mulher-que-divulgou-video-fake-de-caixoes-com-pedras-e-indiciada/>. Acesso em: 29 ago 2020.

KAFRUNI, Simone. (2020). Salles diz que quer aproveitar a pandemia para “passar a boiada”. Blog 4 elementos. Brasília: Correio Braziliense. Disponível em: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/4elementos/2020/05/22/salles-diz-que-quer-aproveitar-a-pandemia-para-passar-a-boiada/> . Acesso em: 29 ago 2020.

KEMPER, Theodore D. (1978). **A Social Interactional Theory of Emotions**. New York: Wiley& Sons.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2021a). Cotidiano e pandemia no Brasil: emoções e sociabilidades [livro eletrônico]. Recife: Grem-Grei Edições.

\_\_\_\_\_. (2021b). Cotidiano e família em tempos críticos. Dossiê/Dossier: Vida Cotidiana, emoções e situações limites: viver em um contexto pandêmico / Vida cotidiana, emociones y situaciones límite: vivir en un contexto de pandemia, sob coordenação de Marina Moguillansky e Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 20, n. 58, pp. 35- 52.

\_\_\_\_\_. (2020a). **Tempos de Pandemia**: reflexões sobre o caso Brasil. João Pessoa: Grem-Grei Editora / Florianópolis: Tribo da Ilha Editora. E-Book,

\_\_\_\_\_. (2020b). Introdução.(pp. 6-12) in: KOURY, MGP, (org). **Tempos de Pandemia**: reflexões sobre o caso Brasil. João Pessoa: Grem-Grei Editora / Florianópolis: Tribo da Ilha Editora. E-Book,

\_\_\_\_\_. (2020c). As emoções em tempo de isolamento social.(pp. 13-38) in: KOURY, MGP, (org). **Tempos de Pandemia**: reflexões sobre o caso Brasil. João Pessoa: Grem-Grei Editora / Florianópolis: Tribo da Ilha Editora. E-Book,

\_\_\_\_\_. (2020d). O Brasil em tempos pandêmicos: emoções, medos e sociabilidades. **Sociabilidades Urbanas** – Revista de Antropologia e Sociologia, v. 4, n. 12, pp. 125-143.

\_\_\_\_\_. (2020e). O Covid-19 e as emoções: pensando na e sobre a pandemia. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 19, n. 55, abril de 2020. Suplemento Especial – Pensando a Pandemia à luz da Antropologia e da Sociologia das Emoções, pp. 13-26,

\_\_\_\_\_. (2020f). Antropologia e situações-limites: Neoliberalismo e pandemia. **Dilemas**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social , Suplemento Especial, Reflexões na Pandemia, pp.1-8. Disponível em; <https://www.reflexpandemia.org/texto-43>. Acesso em: 19.05.2021.

\_\_\_\_\_. (2017). **Etnografias urbanas sobre pertença e medos na cidade**. Estudos em Antropologia das Emoções. Coleção Cadernos do Grem, n. 11. Recife/João Pessoa: Bagaço/Edições do Grem.

MEAD, George Herbert. (1934), **Mind, self and society**. Chicago: The University of Chicago Press.

MF PRESS GLOBAL. (2020). Pastor Antonio Junior fala sobre o poder da fé em tempos de pandemia do coronavírus. Belo Horizonte: Estado de Minas, 13 mar 2020. Disponível em:[https://www.em.com.br/app/noticia/economia/mf-press/2020/03/13/mf\\_press\\_economia\\_economia,1128472/pastor-antonio-junior-fala-sobre-o-poder-da-fe-em-tempos-de-pandemia-d.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/mf-press/2020/03/13/mf_press_economia_economia,1128472/pastor-antonio-junior-fala-sobre-o-poder-da-fe-em-tempos-de-pandemia-d.shtml). Acesso em: 20 mar 2020.

MOGUILLANSKY, Marina; KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (coordenadores). "Apresentação do dossiê: 'Vida cotidiana, emoções e situações limite: vivendo em um contexto de pandemia'". **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 20, n. 58, pp. 9-14.

SENNETT, Richard. (1999). **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, Rafael; PASTI, Daniel. (2020). Da "gripezinha" ao "e daí?": as falas de Bolsonaro em cada fase da pandemia. Vitória: A Gazeta, 05 mai 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/politica/da-gripezinha-ao-e-dai-as-falas-de-bolsonaro-em-cada-fase-da-pandemia-0520>. Acesso em: 12 mai 2020.

### **Mauro Guilherme Pinheiro Koury**

Professor voluntário junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba – *campus I*; Coordenador do Grem-Grei (Grupos de Estudo e Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções e Interdisciplinar em Imagem) <https://grem-grei.org>.